



## Artigo de Ação Extensionista

### ITCP e extensão: desafios e possibilidades no assessoramento de uma associação voltada à cultura afrodescendente em meio à pandemia

*ITCP and extension: challenges and possibilities in advising an association focused on afrodescent culture in the midst of the pandemic*

Alana Cavalcante Felipe<sup>1</sup>

Aline Mara Alves Soares<sup>1</sup>

Alisson Marques de Melo<sup>2</sup>

Jennyfer da Conceição Fonseca Santos<sup>2</sup>

#### Resumo

Uma das formas de aplicabilidade da extensão universitária se dá por meio das Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPs). Essas têm como finalidade trocar, gerar e disseminar o conhecimento entre empreendimentos sociais e a própria universidade, visando o desenvolvimento social, econômico, político e cultural. Neste contexto, este artigo objetiva apresentar as atividades desenvolvidas por uma ITCP quanto à assistência sociotécnica prestada a uma associação de afrodescendentes de João Monlevade/MG. Por meio da pesquisa-ação, e, defronte diferentes desafios estruturais, gerenciais e tecnológicos, membros da incubadora têm buscado estabelecer estratégias de apoio ao manutenção de ações no decorrer da pandemia causada pelo novo coronavírus. Atividades de formação colaborativa e de auxílio à institucionalização dessa associação estão sendo realizadas. Assim, mesmo diante das conjunturas do isolamento social, destaca-se a relevância do incentivo a iniciativas voltadas aos direitos sociais, igualdade étnico-racial e que incorporam elementos essenciais ao processo de formação social.

**Palavras-chave:** Incubadora. Assessoria. Afro-brasileira. Coronavírus.

#### Abstract

One of the forms of applicability of university extension is through the Technological Incubators of Popular Cooperatives (ITCPs). These aim are to exchange, generate and

<sup>1</sup>Docentes da Universidade Federal de Ouro Preto (Campus João Monlevade) - alana.decea@ufop.edu.br; aline.soares@ufop.edu.br

<sup>2</sup>Discentes da Universidade Federal de Ouro Preto (Campus João Monlevade) - alisson.melo@aluno.ufop.edu.br; jennyfer.santos@aluno.ufop.edu.br.



disseminate knowledge between social enterprises and the university itself, aiming at social, economic, political and cultural development. In this context, this article aims to present the activities developed by an ITCP regarding sociotechnical assistance provided to an association of Afrodescendants of João Monlevade/MG. Through action research, and, facing different structural, management and technological challenges, incubator members have sought to establish strategies to support the maintenance of actions during the pandemic caused by the new coronavirus. Collaborative training activities and assistance in the institutionalization of this association are being carried out. Thus, even in the face of the conjunctures of social isolation, the relevance of encouraging initiatives aimed at social rights, ethnic-racial equality and incorporating essential elements to the process of social formation stands out.

**Keywords:** Incubation. Advice. Afro-Brazilian. Coronavirus

## 1. Introdução

A maior população negra fora do continente africano encontra-se atualmente no Brasil, embora suas tradições de origem tenham sido destruídas, já que os negros e tudo que vinha deles foi estigmatizado como subalterno e inferior (PEREIRA, 2015). A história e a cultura dos negros e de seus ancestrais, com o tempo, foi desaparecendo da sociedade, perdendo assim sua identidade.

As influências e a contribuição dos africanos e seus descendentes na formação da nação brasileira foi esquecida inclusive na educação e no dia a dia de sala de aula. Segundo Jaroskevicz (2007), educadores de todo o Brasil desconhecem questões relacionadas à África, como também a trajetória dos africanos e afrodescendentes no Brasil, o que impossibilita trabalhar história e cultura afro-brasileira nas escolas.

Conforme Pereira (2015, p.6), “sempre se apresenta o negro como escravo, não como escravizado, como responsável pelo trabalho e não como construtor de riqueza”. Por isso, reconhecer sua presença e contribuição à cultura brasileira, resgatar a autoimagem dos afro-brasileiros, e, participar na construção de uma identidade social que combata a discriminação e o racismo, são focos de trabalho de uma associação do movimento negro localizada em João Monlevade/MG.

Assim, como meio de desenvolver suas atribuições como laboratório de extensão, a Incubadora de Empreendimentos Sociais e Solidários da Universidade Federal de Ouro Preto (Incop), após diagnóstico da situação real do empreendimento



decidiu por assessorá-lo. Através da metodologia de pesquisa-ação, um grupo de trabalho (GT) constituído por alunos e professores foi inserido no contexto da associação.

Embasados em estudos constantes e estabelecendo a troca efetiva de saberes e experiências, foram desenvolvidas atividades de formação conjunta. Também foram realizadas reuniões de planejamento e posterior acompanhamento das ações da referida associação, como prática de ação da incubação, detalhando todo processo em relatórios quinzenais.

Entretanto, em virtude da pandemia da Covid-19, o processo de assessoramento iniciado passou por mudanças e novos planos de ação foram estabelecidos. Diante da interrupção das atividades do empreendimento, foi necessário o desenvolvimento de estratégias para que questões que promovessem o avanço organizacional e institucional fossem discutidas de forma remota.

Inicialmente, os membros da Incop enfrentaram grandes desafios na execução das ações de extensão em meio ao isolamento social. A falta de recursos financeiros e tecnológicos por parte dos membros do empreendimento, além da desigualdade digital foram agentes limitadores.

Todavia, através de discussão colaborativa foi possível chegar à definição de formas de trabalho que promovessem a inclusão de todos os associados. Foram traçados métodos de acompanhamento passíveis de adaptação à realidade encontrada, além de técnicas de aplicação de formações e reuniões com certo dinamismo.

Situações que impactavam na gestão, estruturação, comunicação externa, relações interpessoais e no processo de resgate da identidade do empreendimento puderam ser discutidas e analisadas quanto a possíveis modos de enfrentamento. Além disso, se propôs a imersão em temáticas relevantes para a formação crítica dos envolvidos, e a identificação das possibilidades de disseminação e valorização da cultura afrodescendente no município em que a mesma se insere.

Mesmo em condições de isolamento social é reconhecida a importância de se manter iniciativas voltadas à luta por direitos sociais e de cidadania, a favor da igualdade étnica e racial e que incorporem elementos enriquecedores no processo de



formação social. A extensão universitária, a partir das práticas de uma incubadora de empreendimentos sociais, pode ser o caminho para que se busque a inserção e o desenvolvimento sustentável dessas ações.

## 2. Ações Extensionistas e o Movimento Negro

A análise realizada, em forma de elementos da pesquisa e revisão literária, aborda conceitos relacionados aos grupos de extensão universitária, cultura afro-brasileira e sua disseminação.

### 2.1 ITCPs e a extensão universitária

De acordo com Fraga (2018) as Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCP) emergem da relação entre a universidade e grupos populares podendo contribuir para a reorientação da produção de conhecimento científico e tecnológico. Também contribui para a inserção de elementos como autogestão, solidariedade e cooperativismo, através do diálogo entre a universidade e a comunidade.

As ITCPs são grupos de extensão comunitária que atuam com grupos populares, organizados juridicamente em cooperativas, associações ou grupos informais, geralmente inseridos na Economia Solidária, com intuito de assessorá-los em suas atividades de produção, comercialização e de organização política (Fraga, 2018, p. 141).

Ainda para a autora a extensão universitária está altamente ligada aos grupos do terceiro setor. Assim, os que praticam a extensão agem, em sua maioria, a fim de apoiá-los, utilizando de preceitos da economia solidária (ES).

A primeira ITCP surge com base nas ações das incubadoras de empresas. Enquanto as incubadoras de empresas se baseiam em ideais capitalistas, as ITCPs têm por finalidade dar suporte a grupos populares, geralmente inseridos na filosofia da ES. As ITCPs, foram desenvolvidas a partir do maior incentivo à extensão, através da redemocratização ocorrida no país, deste modo, as ações das



universidades ampliaram suas perspectivas quanto a possibilidade de tratativas frente ao desemprego, miséria e luta por direitos sociais (FRAGA, 2012).

Nesse contexto, as incubadoras emergem como resposta das universidades a diferentes problemas sociais. Portanto, se mostram alinhadas às metas que salientam a “geração de trabalho e renda básica, promoção do consumo consciente, do comércio justo, de segurança alimentar, de produção agroecológica e solidária e do desenvolvimento local sustentável” (COSTA, 2013, p. 27).

Para Lussi, Tassarini e Morato (2015, p. 346) “o desempenho das incubadoras universitárias envolvem múltiplos papéis sociais em vários níveis”. Para eles, as ações que mais se destacam são as relacionadas a incubação de empreendimentos sociais e solidários (ESS), e tendo como consequência o fortalecimento do movimento da ES.

Os autores afirmam que “os desafios de incubação são variados. São diferentes os problemas apresentados pela população, os recursos disponíveis para efetuar os processos de incubação e demandas específicas de cada empreendimento” (LUSSI; TESSARINI; MORATO, 2015, p. 346). Essa afirmação se faz verdadeira quando se desenvolve ações com ESS de características distintas, logo os problemas apresentados são específicos, o que torna necessário o emprego de diferentes metodologias de trabalho que se adequem a essas particularidades.

Costa (2013) ressalta a importância da extensão universitária para o fomento da ES. Traz pontos como o comprometimento social e comunitário, o potencial de desenvolvimento tecnológico e metodológico presentes no assessoramento de ESS, através da ação ambientada na pesquisa e extensão. A autora expressa que as ITCPs são uma medida importante para o debate na teoria e na prática, provocando uma sólida experiência com a sociedade.

A trajetória das incubadoras quanto ao desenvolvimento de experiências solidárias fundamentadas em bases populares não foi simples. Muitas mudanças ocorreram desde o estabelecimento da primeira ITCP, “buscando desenvolver e aperfeiçoar sua metodologia de incubação ao longo dos anos” (COSTA, 2013, p. 28).

Ainda para a autora houve progresso no que tange aos debates metodológicos, sobretudo aqueles relacionados a ações mais abrangentes,



principalmente em tópicos que envolvem desenvolvimento local, tecnologia social e finanças solidárias. A partir destes debates, se tem a junção de diversas áreas de conhecimento em uma ação interativa a ser inserida nos ESS.

No que diz respeito à ES, Vechia *et al.* (2011) acreditam que a união de incubadoras através da chamada Rede de ITCPs desempenha um papel de destaque. Assim, apresenta-se como um importante mecanismo para o estreitamento de laços entre as incubadoras e seus parceiros:

A REDE continua sustentando relações descontínuas com setores sociais organizados, que poderiam constituir aliados importantes em sua ação: os movimentos sociais (sindicatos de trabalhadores, agricultores familiares, trabalhadores sem-terra, etc.), os movimentos sociais da própria universidade (docentes e estudantes) e, muito especialmente, os atores que, fora do Brasil, trabalham na mesma perspectiva das ITCPs (Vechia *et al.*, 2011, p. 142).

Deste modo, os autores demonstram o quão significativo é a manutenção das Redes, tendo em vista os grupos e movimentos aos quais estão vinculadas e as trocas de conhecimento ocorridas. Todavia, as ITCPs são um elo que liga professores, técnicos e alunos a grupos socialmente desfavorecidos, sendo um caminho para a difusão de conhecimentos teóricos e práticos.

O vínculo entre os movimentos sociais e as ITCPs é primordial, tendo em vista os objetivos baseados em desenvolvimento social e cultural. Segundo Campos (2018) estes movimentos se organizam em defesa da democracia, solidariedade e igualdade de acordo com a situação local a qual trabalham. Um grande exemplo se dá por meio do movimento negro que incita a luta contra o racismo e pela igualdade social e de direitos entre negros e brancos.

## 2.2 Cultura afro-brasileira e a importância de sua disseminação

O Brasil é o país com a segunda maior população negra do mundo com cerca de 50% de afrodescendentes, ficando atrás apenas da Nigéria (DUBIELA; WAMBIER, 2016). Sendo a população brasileira descendente direta dos africanos, se torna



imprescindível um estudo aprofundado da cultura que influenciou de maneira relevante as mais diversas formas da cultura brasileira.

A partir do final do século XVI, com a colonização do país, instituiu-se o regime de escravidão, a princípio com a exploração dos povos indígenas que foi substituída paulatinamente pela escravização dos africanos que chegavam ao Brasil através do tráfico negreiro (LIMA, 2013). Nesse contexto, frente à necessidade dos colonizadores de mão de obra braçal e barata, o negro foi introduzido em todas as áreas de trabalho no país.

Mesmo que os colonizadores enxergassem os negros como mera mercadoria, estes não vieram sem cultura do seu local de origem. Os africanos trouxeram para Brasil seus costumes, sua cultura e sua tradição (PEREIRA, 2015). No entanto, conhecemos muito pouco sobre esse continente e sua contribuição para a cultura brasileira.

Grande parcela dos livros de história do Brasil foi escrita por colonizadores europeus e apresentam um conhecimento simplificado da África. Esses enfatizam na maioria das vezes o período da escravidão e todo o sofrimento que os negros passaram, sem mencionar, a riqueza cultural desse povo.

Para se falar sobre a cultura afro-brasileira não se poderia deixar de mencionar o período escravo que se constitui numa mancha difícil de apagar. É impossível se falar sobre a cultura dos negros, sua passagem pelo Brasil e seus dias atuais se não for escrito sobre a escravidão e suas consequências (LIMA, 2013, p.4).

Não obstante, apesar do inegável sofrimento trazido pela escravidão, não pode se olvidar o valor representado pela cultura africana como um fator preponderante na construção do Brasil de hoje. Como aponta Dubiela e Wambier (2016, p.5), “a cultura africana chega ao Brasil com os povos escravizados da África, durante o período do tráfico negreiro”. Este período teve início com a utilização da mão de obra escrava nos engenhos de produção de açúcar, principalmente na região do Nordeste.

Os negros eram retirados da África pelos comerciantes de escravos portugueses, transportados em condições desumanas nos porões dos navios e



vendidos como mercadorias no Brasil. Os escravos trabalhavam de forma incessante durante todo o dia, sendo castigados fisicamente com frequência e passavam as noites acorrentados nas senzalas para evitar fugas (LIMA, 2013).

Segundo Souza (2018), além dos castigos físicos que lhe eram impostos, os senhores de engenho obrigavam os escravos a seguir a religião católica. Desta forma eles eram proibidos de praticar qualquer religião de origem africana e de realizar festas e rituais, sendo cerceado a prática livre da sua própria cultura e língua.

Com a desqualificação da história e cultura africana e com a proibição de sua manifestação, muitos negros no Brasil reagiram à escravidão, sendo comuns as revoltas nas fazendas em que grupos de escravos fugiam. Logo, deu-se origem aos quilombos, comunidades nas quais os negros viviam de forma livre aos moldes do que viviam na África (PEREIRA, 2015).

Apesar dos maus tratos e das imposições feitas pelos senhores de engenhos, os africanos nunca abandonaram seus costumes e sua religião. Praticavam seus rituais e realizavam suas festas escondidos. Como ressalta Lima (2013) os negros desenvolveram uma forma de luta que se diferencia das artes marciais por ser acompanhada por música e dança - a capoeira, amplamente praticada em todo território nacional até os dias atuais.

De tão praticada, a Capoeira foi declarada como Patrimônio Imaterial da Humanidade pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura), em 26/11/2014, pois a mesma se destacou na resistência e na luta dos negros africanos contra a escravidão, (...) (DUBIELA; WAMBIER, 2016, p.7).

Em meados do século XVI, a alimentação africana trazida pelos escravos foi incorporada no Brasil e incluía principalmente o arroz, feijão, sorgo (espécie de milho), milho e cuscuz. A carne era da própria caça e uma parte importantíssima foi à vinda dos temperos, como o azeite de dendê e a pimenta malagueta, além do consumo de vegetais como o quiabo, inhame, açafrão e a banana (FREYRE, 2001).

A escravidão foi mundialmente proibida no final do século XIX e no Brasil a sua abolição ficou marcada com a promulgação da Lei Áurea em 13 de maio de 1888.



Como enfatiza Lima (2013, p.4) “É importante salientar que o Brasil carrega um amargo detalhe na sua história; foi a última nação do mundo a abolir a escravidão”.

Mesmo libertos, os escravos não se viram livres da discriminação racial a que eram submetidos, bem como da exclusão social e da miséria. A maioria dos negros não tinham acesso à educação, ao trabalho digno e aos direitos políticos, vivendo à margem da sociedade. A liberdade ocorreu somente no papel, não sendo oferecida a esses indivíduos condições mínimas de sobrevivência, onde muitos permaneceram na condição de escravos simplesmente por falta de opção (LIMA, 2013).

Como se pode aferir as dificuldades enfrentadas pelos africanos trazidos ao Brasil e seus descendentes se perpetuaram mesmo após a abolição da escravatura, o que fez com estes indivíduos lutassem pela inserção da população negra e sua cultura na sociedade brasileira. Ainda hoje os afrodescendentes promovem a resistência, sendo que a raiz africana permanece solidificada em várias manifestações culturais e religiosas do povo brasileiro.

Assim, hoje, os terreiros de Candomblé são símbolos da resistência da cultura africana dentro do Brasil, pois nesses espaços ainda se mantém as tradições da religiosidade e da cultura de matriz africana, porém cabe lembrar que esses espaços passaram e passam ao longo da História, por um processo de preconceito e desrespeito, motivado por racismo, intolerância religiosa e ignorância (PEREIRA, 2015, p.18).

Entretanto, como a tradição negra e a cultura afro-brasileira são mencionadas superficialmente, as relações com a importância deste período na construção do nosso país muitas vezes não são estabelecidas. Segundo o historiador Henrique Cunha Júnior (1997, p.67), “(...) não é possível conhecer a história do Brasil sem o conhecimento da história dos povos que deram início à nação brasileira”.

A “cultura africana” está presente em vários segmentos de nossa sociedade e, pela falta de uma abordagem mais realista, muitas pessoas desconhecem estes fatores. Esta cultura está inserida na linguagem, comidas, músicas, religiões, entre outros. Reconhecer a “cultura afro” como elemento importante de nossa cultura e sociedade é reconhecer a nossa própria história, uma vez que se encontram interligados com a construção do Brasil (SOUZA, 2008, p.132).



Com o intuito de ressaltar a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira foi publicada a Lei nº 10.639/03. Essa tornou obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio (BRASIL, 2003).

Segundo José Clécio Silva e Souza (2018), através desta Lei a cultura africana passou a ser valorizada e os negros passaram a ser reconhecidos como seres humanos. Além disso, a efetivação desta Lei é uma maneira da sociedade se retratar de todo o sofrimento causado aos negros pela escravidão.

A aprovação desta Lei, que traz significativas mudanças no ensino da história e da cultura afro-brasileira garante uma ressignificação e valorização cultural das matrizes africanas que formam a diversidade cultural brasileira. Segundo Passos (2013), o cumprimento da Lei 10.639/03 expressa a compreensão de que adiar o pagamento da dívida educacional para com os negros é procrastinar a possibilidade da construção de uma nação efetivamente democrática.

O preconceito racial é um problema que fomenta a exclusão social, tornando imprescindível a discussão pelos profissionais da Educação no que tange aos preceitos básicos trazidos pela Lei 10.639/03 (Gonçalves, 2005). Sendo assim, em todos os níveis de escolaridade, os professores exercem um papel importante na luta contra o preconceito e a discriminação racial no Brasil.

### **3. Incubadora de Empreendimentos Sociais e Solidários da Universidade Federal de Ouro Preto - Incop e sua metodologia de trabalho**

A Incop trata-se de um laboratório de extensão que iniciou suas atividades ao final de 2011. Seu trabalho é fundamentado nos preceitos da ES e tem por finalidade disseminar essa filosofia através do processo de assessoria sociotécnica prestada a empreendimentos sociais (SERAFIM *et al.*, 2019).

De acordo com Alves e Cury Filho (2017), a ITCP atuou nas regiões dos três *campi* da UFOP sendo eles: João Monlevade, Ouro Preto e Mariana. Os trabalhos foram iniciados após mapeamento das potencialidades socioeconômicas nas diferentes regiões de atuação.



A Incop era composta por uma equipe multidisciplinar formada por docentes e discentes de variados cursos, como Engenharia de Produção, Ciências Econômicas, Direito, Administração, Engenharia Elétrica, Engenharia da Computação, Sistemas, Jornalismo, Letras e Serviço Social. As equipes mesmo com a distância entre os campi, mantinham contato sistematicamente na busca pela melhor estruturação da ITCP, bem como no intuito de se estabelecer uma troca de saberes e experiência (ALVES *et al.*, 2017).

Em 2017, diante de questões organizacionais, financeiras e estruturais, a Incop passou a atuar somente no campus de João Monlevade. Contudo, manteve sua característica interdisciplinar através do trabalho de técnicos-administrativos, alunos e professores de diferentes áreas e cursos, mesmo com o campus restrito a cursos como Sistemas de Informação, Engenharia de Produção, Engenharia Elétrica e Engenharia da Computação (SERAFIM *et al.*, 2019).

Atualmente a ITCP desenvolve suas atividades de incubação em seis ESS de João Monlevade e região, sendo eles ligados a diferentes vertentes como: reciclagem, feira de economia popular solidária, promoção da saúde, defesa da igualdade social, disseminação da cultura afro-brasileira, entre outras. Esses empreendimentos foram definidos a partir da identificação daqueles grupos condizentes com a filosofia da ES, possuindo como critérios básicos ações fundamentadas na autogestão, na solidariedade e cooperação.

Internamente a Incop organiza-se por GTs formados por dois orientadores distribuídos entre técnicos-administrativos e professores e, dois a três alunos, dependendo da necessidade de cada empreendimento. Cada GT é responsável por um empreendimento e assim, definem em conjunto estratégias de trabalho a partir da realidade da organização.

Praticando a pesquisa-ação, um tipo de pesquisa social com base empírica a qual se estabelece estreita relação entre pesquisadores e grupo estudado em busca da resolução de problemas de maneira participativa (THIOLLENT, 2007), esses GTs realizam diferentes ações. No decorrer do processo de incubação realizam visitas periódicas para efetuar o que o processo extensionista estabelece, a dialogicidade, a



compreensão real do problema, a efetiva troca de saberes e a partir disso a geração de novos conhecimentos.

O apoio fornecido pela Incop abrange ações voltadas a aspectos organizacionais, estruturais, interpessoais, econômicos, entre outros. Os grupos, além do acompanhamento e após análise conjunta, oferecem formações conforme identificação de demandas do empreendimento. Essas atividades possibilitam que os participantes compreendam o processo de incubação não como uma mera transferência de conhecimentos e sim como um meio de transformação social.

Dessa forma a Incop objetiva não só desenvolver e disseminar conhecimentos sobre cooperativismo e autogestão, visando a promoção e viabilização da ES, mas também estimular a intercooperação entre a universidade e a sociedade. Para tanto, pretende-se também reafirmar através da Incop o papel da universidade na produção e socialização de saberes e a possibilidade de uma formação crítica e cidadã de todos envolvidos.

Para o acompanhamento da associação de afrodescendentes assessorada, a equipe foi definida entre alunos e orientadores, bem como realizado o diagnóstico da situação e definido os objetivos do trabalho, determinando assim a fase exploratória da pesquisa-ação. Na fase principal, foram elaboradas reuniões entre equipe Incop e os membros da associação, assim como realizadas formações sobre temas direcionadores de cada situação ou problema identificados. Desses encontros, saíram relatórios quinzenais, projetos e planos de ação que direcionaram as atividades.

Posteriormente, na fase de ação foram implementadas as propostas decididas nos planos de ação, definindo responsabilidades nas atuações referentes às questões levantadas. Por fim, avaliou-se as atividades até então implementadas, discutindo os resultados alcançados ao término de cada ação. É importante esclarecer que a assessoria ainda se encontra em desenvolvimento.



## 4. A ITCP e o processo de assessoramento de uma associação de afrodescentes

A “Associação Afro”<sup>3</sup> é uma organização que tem por finalidade promover o empoderamento social, educacional e cultural às comunidades em situação de vulnerabilidade na cidade de João Monlevade-MG. Por meio de suas ações, busca a valorização e a disseminação da cultura afro-brasileira.

Seu trabalho concentra-se no reconhecimento da influência dos africanos e seus descendentes na cultura brasileira, na recuperação da autoimagem dos afro-brasileiros e na construção de uma identidade social capaz de combater a discriminação e o racismo. Objetivos como estes tornam-se estratégias de luta a favor da integração do negro e erradicação do racismo na sociedade brasileira (DOMINGUES, 2007).

A "Afro" iniciou suas atividades em 2017 com planos e projetos para mulheres negras, crianças e adolescentes, no intuito de combater a discriminação racial. Visando a melhoria na qualidade de vida da comunidade local, fornecia o acompanhamento psicológico com o apoio de uma psicóloga voluntária; realizava encontros de mulheres para discussão de temas que as envolviam e ministrava aulas de artesanato. Buscando resgatar a autoestima das mulheres, promovia o "Dia da Rainha" através de um dia de tratamentos básicos de beleza.

Ainda quanto às suas atividades, desenvolvia o projeto “Coral” voltado à educação musical. Sua finalidade era promover a cultura através da música e a formação social de crianças e adolescentes, mediante ao apoio de alguns profissionais e simpatizantes da ação.

As atividades seguiram em seu primeiro ano, mas por alguns problemas organizacionais e interpessoais foram encerradas. Em 2018, com o objetivo de retomar o trabalho nas comunidades, alguns membros que faziam parte da “Afro” decidiram continuar o projeto “Coral” e seguiram realizando apresentações em alguns locais da cidade, como instituições de ensino da região e feiras.

Devido às limitações estruturais e de gestão, atualmente, seu foco de trabalho concentra-se em atender 18 (dezoito) crianças e adolescentes através do projeto

---

<sup>3</sup> Como forma de preservar o nome da organização utilizou-se um nome fantasia.

*Raízes e Rumos, Rio de Janeiro, v.8 n.2, p. 36-57, jul. – dez., 2020*



“Coral”. Realiza também outras ações isoladas que contribuem social e culturalmente com a comunidade.

Quanto às limitações estruturais, uma delas diz respeito ao espaço antes disponibilizado para as atividades da “Afro”. Diante do descontentamento de algumas pessoas da comunidade quanto às ações da Associação voltadas para a disseminação da cultura afro-brasileira, representantes do espaço decidiram restringir o uso pela “Afro”. Assim, a “Afro” seguiu com suas atividades em espaços públicos cedidos e passou a acompanhar o desenvolvimento das crianças e adolescentes do projeto “Coral” de modo ainda precário.

Quanto às limitações de gestão, a Associação possui dificuldades de ampliação do seu quadro associativo. Conseqüentemente há um entrave no processo de formalização devido à falta de recursos humanos e financeiros. Essa questão afeta a sustentabilidade das atividades que planejam, assim como impossibilita a busca por recursos advindos de entidades públicas e privadas.

A ITCP esforça-se para auxiliar a “Afro” na ampliação de suas atividades, bem como, fomentar a luta pela inclusão e direitos sociais dos negros em sua comunidade. Inicialmente, a incubadora realizou um diagnóstico da realidade da Associação no final de 2019. A partir disso, decidiu realizar o processo de incubação, possuindo como perspectiva a necessidade de agentes promotores da cultura e dos direitos sociais da população negra no município.

A assessoria sociotécnica propiciou a elaboração de um projeto de extensão, objetivando o fortalecimento das atividades da “Afro” e o resgate da identidade da cultura afrodescendente a ela, na cidade e região. As atividades do projeto, ainda em vigência, buscam fortalecer, incentivar e salvaguardar os preceitos que regem a Associação. Além disso, visa-se estimular a estruturação gestonária e o processo de formalização; apoiar e planejar a expansão de suas ações através da busca por parcerias; incentivar as ações desempenhadas que norteiam o movimento negro; fornecer gratuitamente aulas de música, danças, desenhos voltados à cultura afrodescendente, para crianças de 6 à 15 anos de escolas públicas; e, trabalhar o empoderamento das mulheres negras.



O projeto, em andamento, exigiu do GT a realização de levantamentos bibliográficos sobre os principais aspectos e origens da cultura afro-brasileira como a linguagem, matemática, música, expressões artísticas e literárias, além de estudo constante nas temáticas que abrange demais contextos da “Afro”. Frente à análise do GT, foram elaboradas pesquisas e dinâmicas de grupo sobre temas estratégicos para realização das atividades. Conjuntamente a estruturação do quadro associativo, trabalhou-se a autogestão e os demais preceitos da ES, lógica incutida no modo de trabalho da ITCP.

Visitas e reuniões semanais foram realizadas conforme demandas da Associação e identificação de ações pelo GT. Assim, de modo participativo e com efetiva troca de saberes, definiu-se soluções para questões de impacto à sustentabilidade da “Afro”, e estabeleceu-se métodos de ação para com a comunidade.

Determinou-se também como forma de ação o reconhecimento e fortalecimento do movimento negro no município. Através das pesquisas, os envolvidos se tornaram capazes de discutir, aplicar e construir conhecimentos, para encontrar as principais formas de disseminá-los à comunidade local, trazendo um questionamento em diversos aspectos presentes no dia a dia destas pessoas.

Na primeira ação da ITCP, elaborou-se com os associados um evento aberto ao público que objetivava a promoção da cultura e lazer. Este também foi um dos caminhos encontrados para realizar o processo de formalização, o qual é preciso recursos financeiros para custeamento de registros.

Simultaneamente às ações específicas como os eventos, promoveram-se atividades de formação com temáticas relevantes, frente às necessidades de todo o grupo. Entre as temáticas incluiu-se inicialmente: o que é uma ITCP e como a Incop realiza a incubação; o que é e como atua uma associação; ES e seus princípios como alternativa de fundamentação de gestão. Além disso, buscou-se maior conhecimento relacionado a educação das relações étnico-raciais e da problematização existente na realidade de pessoas negras no Brasil, sua inserção e valorização no meio social.

Como forma de incluir a Associação no movimento já incitado por referências na cidade, buscou-se apoio em pessoas com amplo conhecimento em temas como



relações étnico-raciais, racismo, metodologia de inserção da cultura afro-brasileira para formação de crianças e adolescentes. Junto a isso, formação de agentes externos quanto a questões gestonárias e de comunicação também foram ministradas.

As atividades com a “Afro” estavam ainda em estágio inicial do processo de incubação quando as determinações de isolamento social diante da pandemia do Coronavírus (Covid-19) ocorreram. Foi suspensa a principal atividade da Associação, o projeto “Coral”. Assim, crianças, adolescentes e os próprios membros foram impactados.

Contudo, com o intuito de atenuar pontos negativos de uma parada brusca das atividades da “Afro”, o GT se reuniu de forma remota e definiu uma proposta de plano de ação a ser aplicado. Esse continha atividades que eram passíveis de serem realizadas de maneira remota, tanto na Associação quanto nas ações internas do GT, para controle do processo de incubação.

Assim, obteve-se um planejamento considerando dois meses de isolamento social, entretanto, com o prolongamento do distanciamento estabeleceu-se um plano de ação interno ao GT de seis meses. Já na “Afro” pelo caráter de suas atividades, foram determinadas ações conforme demanda mensal.

Rapidamente o GT percebeu a dificuldade que enfrentaria no trabalho remoto, uma vez que a maioria dos associados não demonstraram afinidade pela utilização de tecnologias digitais. Assim, mesmo com um plano de ação definido, o mesmo foi sendo adaptado a realidade encontrada.

Apesar das dificuldades na realização das atividades em meio à pandemia, os membros da “Afro” demonstraram interesse e expuseram a necessidade da continuidade do assessoramento, na busca por alternativas para progredirem organizacionalmente.

Diferentes estratégias foram criadas pelo GT. Foram repassados roteiros para instalação e manuseio de aplicativos que facilitasse o acesso remoto daqueles que apresentavam dificuldades. Testes foram realizados antes de serem feitas as reuniões remotas, buscando evitar problemas que poderiam surgir. Assim, foi possível realizar reuniões quinzenais por videoconferência e aplicar demais estratégias de avanço quanto às atividades a serem realizadas.



No decorrer do primeiro mês foram dadas formações voltadas a cultura afro-brasileira, e demais temas que englobavam o processo de escravidão brasileira e racismo estrutural. Essas foram aplicadas uma vez que, o projeto em execução visa o resgate da identidade da Associação, pela percepção da necessidade de inclusão de temas que permeiam o trabalho da “Afro” e inserção de membros que ainda não tinham discutido ou refletido sobre os mesmos, além da busca pela compreensão do próprio movimento.

Diante das avaliações previamente feitas pela equipe e consulta aos membros da “Afro” ficou evidente a importância de se trabalhar conceitos de liderança, gestão de conflitos, entre outros pontos cruciais ao crescimento da Associação. Junto a isso, levantou-se a necessidade de manter o processo de formalização e assim a estruturação do Estatuto Social.

Com o desenvolvimento do Estatuto, as reuniões realizadas durante o mês de abril focaram-se na discussão dos pontos a serem incluídos no documento institucional, dialogando sobre qual real objetivo da Associação, definição de funções administrativas e demais aspectos gerenciais. As reuniões foram usadas também para trocar informações sobre textos e vídeos propostos semanalmente.

Em uma das reuniões os membros da “Afro” demonstraram inquietação diante de situações presenciadas em sua comunidade local. Necessidades de conscientização da população sobre os cuidados para efetiva proteção contra o vírus e apoio a pessoas em situação de vulnerabilidade socioeconômica foram questões expostas pelo grupo.

Todavia, decidiram criar uma campanha de arrecadação de alimentos e materiais de higiene e limpeza, logo solicitaram apoio na elaboração da mesma para a Incop. Os membros da ITCP acompanharam a estruturação, definições de responsabilidades e busca por apoiadores, além de estratégias de divulgação e ações com demais parcerias. É importante frisar que a atividade seguiu as normas de segurança e saúde definidas pelo Ministério da Saúde.

A “Afro” manteve nos demais meses as atividades propostas, assim como o GT buscou formular estratégias de capacitação coerentes com a realidade da Associação. Como forma de fixação de discussões sobre temas importantes à “Afro”



estabeleceu dinâmicas inclusivas, como “Quiz” e propôs também que os membros trouxessem à discussão textos e apresentassem ao GT, baseado na metodologia da sala de aula invertida.

Como continuidade às estratégias de formação, discussão e inserção de temas relevantes, o GT estabeleceu em plano de ação semestral a participação efetiva em cursos gratuitos online promovidos por instituições privadas e públicas e o aproveitamento de lives de referências do movimento negro e de demais profissionais que discorrem de temas relacionados. Inseriu-se nesse processo a necessidade do próprio GT de inteirar-se e buscar literaturas coesas e arraigadas nos objetivos da “Afro” como associação.

Atualmente, a Associação está desenvolvendo um concurso online de dança, com o assessoramento dos membros da Incop. Este tem o objetivo de interação com o público da rede de contatos da “Afro” e promoção da cultura afro-brasileira através da música e dança.

A “Afro” tem buscado o reconhecimento e consolidação na cidade ocupando espaços de fala em lives e em rádio local. À medida que vai se desenvolvendo, a Associação trabalha para fortalecer o movimento negro na cidade onde atua. O GT da Incop, por sua vez, empenha-se para contribuir e assegurar o empoderamento organizacional da Associação e do próprio movimento que defende.

Por meio das reuniões entre GT e membros da Associação, são analisados o processo evolutivo do empreendimento e o cumprimento dos objetivos do projeto, com o intuito de se definir e observar possíveis parâmetros de aferição das metas estabelecidas. Além disso, ao fim do projeto, pretende-se aplicar um questionário que conterà indagações para se obter o parecer dos associados em relação a todos os resultados.

Percebe-se que diante do cenário de pandemia vivenciado, as ações planejadas foram desenvolvidas conforme novo formato e limitações. Contudo, problemas com a distribuição de funções internas da “Afro” frente às ações ocorreram, sendo contornadas pelos próprios membros que se reorganizaram. Assim, foi possível chegar a resultados principalmente ligados a campanhas, porém, o processo de estruturação organizacional ainda está em andamento.



A reconfiguração das ações teve influência nas atividades internas da ITCP, a qual teve que adaptar-se à realidade de trabalho, considerando as especificidades do empreendimento a partir do trabalho remoto. Para tanto, seguiu-se todas as normas de isolamento estipuladas, reafirmando nas reuniões entre GT e empreendimento a possibilidade de continuidade do trabalho. Essas considerações quanto à importância da ação foram instigadas a serem mantidas pelos próprios membros da “Afro”.

É importante destacar que o assessoramento se trata de um processo de troca de saberes e experiências, a dialogicidade das ações extensionistas. Logo, outra diretriz da extensão, a interdisciplinaridade é considerada. Contudo, a ITCP está em um campus voltado às exatas o que se torna um desafio, mas ao mesmo tempo um vasto espaço ao processo de ensino-aprendizagem, proporcionando aos alunos e professores uma formação crítica, propiciando o envolvimento em outras áreas, bem como a aproximação da comunidade que se insere.

## 5. Considerações Finais

Diante dos desafios advindos do contexto de pandemia, a Incop, através de suas ações extensionistas, têm buscado estratégias de continuidade de maneira remota. Isso possibilitou não só o manutenção da transferência mútua de experiências e conhecimentos internos à incubadora como propiciou, a adaptação da relação com a associação trabalhada o que implicou em um distanciamento físico, mas não de suas metas quanto ao assessoramento.

No acompanhamento fornecido a “Afro” é notório o desenvolvimento mesmo que paulatinamente dos envolvidos. A formação crítica, a qual os que praticam extensão estão sujeitos, é um dos aportes que engrandecem o processo de ensino-aprendizagem e incita não só a autonomia na formação profissional, mas também na formação social daqueles que vivem a extensão.

É importante ressaltar que os membros da “Afro” acolhem as sugestões dadas pelo GT. Através de relatos informais, eles reconhecem a importância do processo de incubação no desenvolvimento da Associação, bem como para o crescimento pessoal.



As temáticas que permeiam o assessoramento, considerando as ações vindas da “Afro” são assuntos que têm sido amplamente debatidos na atual conjuntura social, econômica, política e cultural do país, bem como diante de acontecimentos mundiais. Evidencia-se que é imprescindível a continuidade de ações que provoquem a reflexão em torno do movimento negro e busquem a igualdade de direitos, a cidadania e o reconhecimento da cultura afro-brasileira.

Investir no desenvolvimento de uma associação como a “Afro” revela, a uma incubadora de um campus tecnicista, grandes desafios. Esses trazem aos participantes a imersão em questões não mais só na sua área de atuação, em buscar mudanças técnicas e de gestão de modo conjunto aos associados, mas gera a possibilidade de um profissional com visão sistêmica e não arraigados em preceitos meramente voltados ao capital.

## Referências

ALVES, J. C. M.; CURI FILHO, W. R. (Orgs). **Interdisciplinaridade, empoderamento e tecnologia social: experiências de economia solidária em uma ITCP**. São Paulo: All Print, 2017.

ALVES, J. C. M., *et al.* **As instituições de ensino superior e a consolidação de empreendimentos econômicos solidários de catadores de materiais recicláveis**. In.: ALVES, J.C.M; CURI FILHO, W.R. (Orgs). **Interdisciplinaridade, empoderamento e tecnologia social: experiências de economia solidária em uma ITCP**. São Paulo: All Print, 2017.

BRASIL. **Lei nº. 10.639 de 09 de janeiro de 2003**. Inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da rede de ensino. Diário Oficial da União, Brasília, 2003.

CAMPOS, T. O. **Tecendo oportunidades: incubação e economia solidária como alternativa para a estruturação de novos caminhos no turismo**. 2018. 65 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Turismo) - Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <[https://www.bdm.unb.br/bitstream/10483/21071/1/2018\\_TaylaneOliveiraCampos\\_20tcc.pdf](https://www.bdm.unb.br/bitstream/10483/21071/1/2018_TaylaneOliveiraCampos_20tcc.pdf)>. Acesso em: 22 jul. 2020.

COSTA, B. A. L. **Economia solidária e o papel das incubadoras tecnológicas de cooperativas populares no Brasil: a experiência de extensão universitária da ITCP-UFV**. Revista ELO – Diálogos em Extensão, v. 2, n. 2. Viçosa, MG, 25 ago. 2013.

*Raízes e Rumos, Rio de Janeiro, v.8 n.2, p. 36-57, jul. – dez., 2020*



Disponível em: <<https://periodicos.ufv.br/elo/article/view/999>>. Acesso em: 15 jul. 2020.

CUNHA JUNIOR, H. **A história africana e os elementos básicos para o seu ensino.** Núcleo de Estudos Negros (NEN) Florianópolis - SC, 1997.

DOMINGUES, P. **Movimento negro brasileiro:** alguns apontamentos históricos. Tempo, v. 12, n. 23, p. 100-122, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07.pdf>> . Acesso em: 16 jul. 2020.

DUBIELA, J. L. WAMBIER, S.M. **O reconhecimento e a valorização da cultura africana no Brasil.** Cadernos PDE - Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE, v.1, Secretaria da Educação, PR, 2016. Disponível em: <[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2016/2016\\_artigo\\_hist\\_ufpr\\_jaymeleonardodubiel.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_hist_ufpr_jaymeleonardodubiel.pdf)>. Acesso em: 17 jul. 2020.

FRAGA, L. **As incubadoras tecnológicas de cooperativas populares e as relações entre ciência, tecnologia e sociedade.** Revista Tecnologia e Sociedade, v. 14, n. 31, p. 140-155. Limeira, SP, mai./ago. 2018a. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/5811>>. Acesso em: 15 jul. 2020.

FRAGA, L. **As Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCP) na construção da contra hegemonia acadêmica.** Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, v.5, n. 13. Belo Horizonte, MG, 2018b. Disponível em: <<https://doi.org/10.25113/farol.v5i13.4188>>. Acesso em: 15 jul. 2020.

FRAGA, L. **Extensão e transferência de conhecimento: as incubadoras tecnológicas de Cooperativas Populares.** Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, 242 p. Campinas, SP, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/286682>>. Acesso em: 15 jul. 2020.

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

GONÇALVES, F. L. **O papel da Escola na desconstrução do racismo, preconceito e discriminação: A fomentação profissional dos educadores da Escola Estadual de Ensino Fundamental Presidente Castelo Branco.** Brasil Escola, 2005. Disponível em <<https://meuartigo.brasilescuela.uol.com.br/educacao/o-papel-escola-na-desconstrucao-racismo-preconceito.htm>>. Acesso em: 17 jul. 2020

JAROSKEVICZ, E. M. I. **Relações étnico-raciais, história, cultura africana e afrobrasileira na educação pública:** da legalidade à realidade. 2007. Disponível em: <[http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes\\_pde/artigo\\_o\\_elvira\\_maria\\_isabel\\_jaroskevicz.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_o_elvira_maria_isabel_jaroskevicz.pdf)>. Acesso em: 20 jul. 2020.



LIMA, M. **A trajetória do negro no Brasil e a importância da cultura afro.** Monografia (graduação) - Universidade Federal do Paraná, 25 p. Curitiba, PR, 2013. Disponível em:

<[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/2010/Historia/monografia/3lima\\_miguel\\_monografia.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Historia/monografia/3lima_miguel_monografia.pdf)>. Acesso em: 17 jul. 2020.

LUSSI, I. A.; TESSARINI, L.; MORATO, G. **Incubadoras tecnológicas de cooperativas populares:** realidade da incubação de empreendimentos econômicos solidários com participação de usuários de serviços de saúde mental. Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, v. 26, n. 3, p. 345-354. São Carlos, SP, 26 dez. 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v26i3p345-354>>. Acesso em: 15 jul. 2020.

PASSOS, F. **10 anos da Lei 10.639 e como ficamos?** (2013). Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/10-anos-da-lei-10-639-03-e-como-ficamos/>> Acesso em: 17 jul. 2020.

PEREIRA, N. D. **A trajetória histórica dos negros brasileiros: da escravidão à aplicação da Lei 10639 no espaço escolar.** Monografia (especialização), 106 p. Universidade Federal do Paraná, 2015.

SERAFIM, V. S.; FREITAS, M. D.; FREITAS, N. G.; ALVES, J.C.M. **Reflexões sobre as possíveis categorias de indicadores para o processo de desincubação de empreendimentos sociais e solidários.** In.: ALVES, J.C.M.; TAVARES, M.N.R. (Orgs). Economia Solidária: reflexões da incubação à desincubação, p.93-125. São Paulo, All Print, 2019.

SOUZA, M. M. **África e Brasil Africano.** São Paulo, Ática, 2008.

SOUZA, J. C. S. **História da África e cultura Afro-Brasileira: desafios e possibilidades no contexto escolar.** Revista Educação Pública - Fundação Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/18/22/historia-da-africa-e-cultura-afro-brasileira-desafios-e-possibilidades-no-contexto-escolar>>. Acesso em: 17 jul. 2020.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação.** 15 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

VECHIA, R. D. *et al.* **A rede de ITCPs - passado, presente e alguns desafios para o futuro.** Revista Diálogo, n. 18, p.115-144. Canoas, RS, 2011. Disponível em: <<https://svr-net15.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo/article/view/107>>. Acesso em: 15 jul. 2020.